

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE BACHARELADO EM TEATRO

MICHELLE MIRANDA RIBEIRO
RITHA DE CASSIA MAGNUS LUMMERTZ

CRICIÚMA

2020

**MICHELLE MIRANDA RIBEIRO
RITHA DE CASSIA MAGNUS LUMMERTZ**

**A ARTE COMO INSTRUMENTO TRANSFORMADOR: AS SUBJETIVIDADES
FEMININAS COMO CONSTRUÇÃO DA INTERVENÇÃO ARTIVISTA
CONTRACONTROLE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para
obtenção do grau de Bacharel em Teatro da
Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Gustavo Bieberbach
Engroff

CRICIÚMA

2020

**MICHELLE MIRANDA RIBEIRO
RITHA DE CASSIA MAGNUS LUMMERTZ**

**A ARTE COMO INSTRUMENTO TRANSFORMADOR: AS SUBJETIVIDADES
FEMININAS COMO CONSTRUÇÃO DA INTERVENÇÃO ARTIVISTA
CONTRACONTROLE**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado
pela Banca Examinadora para obtenção do
Grau de Bacharelas, no Curso de Teatro da
Universidade do Extremo Sul Catarinense,
UNESC, com Linha de
Pesquisa em Texto e Cena: conexões.

Criciúma, 07 de agosto de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Gustavo Bieberbach Engroff – (UNESC) – Orientador

Prof. Dr. Eduardo Osório – (UNESC)

Prof.^a Ma. Daniele Cristina Zacarão Pereira - (UNESC)

Em memória a Gabriel Batista, amigo e artista, que nos deixou grande admiração. Saiba que aonde estivermos, seu nome estará também. O seu legado irá continuar. Hoje és poesia, luta e grande fonte de inspiração.

AGRADECIMENTOS

Gratidão é um sentimento de reconhecimento é o estado mais puro do espírito. Sou grata por estar aqui, em uma universidade, cursando o que eu amo, o que para mim sempre foi algo muito distante, julgado por muitos como impossível. E estou aqui não para provar aos demais que sou capaz, mas para provar a mim mesma, que não há barreiras que eu não possa ultrapassar. É para mostrar que vai ter mulher lésbica, umbandista e pobre se formando em uma universidade, sim! Sou grata a todos que me apoiaram e/ou me auxiliaram a chegar até aqui, em especial:

A minha amada, Tatieli. Não há dúvida, que se não fosse por ela, pelo incentivo e por todo seu apoio, seja psicológico e do dia a dia, eu não chegaria até aqui. Obrigada, minha amor, por lutar diariamente comigo. Obrigada por não me deixar desistir, por cada noite sua de sono perdida, por me levar e me buscar na parada de ônibus para a faculdade de madrugada, por sempre apoiar minhas decisões e sempre estar na primeira fila das minhas apresentações, torcendo por mim e me valorizando enquanto artista. E por mais incontáveis provas de amor sua. Grata pelo seu amor, sua amizade, seu companheirismo, sua existência e a construção da nossa família, Sofia, Amora, Lilith, Madame Nora, Junior, Luna e Phoebe. Agradeço também aos seus guias, em especial a sua frenteira, Maria Navalha. Minha conexão contigo é única, eu te pilotio, minha alma gêmea.

Agradeço as divindades da minha religião, em especial a minha mãe Oxum por me banhar em suas águas doce quando eu via o amargo da vida, a minha mãe Iemanjá por levar minhas tristezas e incertezas com a força da onda do mar. Minha gratidão também a minha frenteira, Cigana, que sempre me trouxe o significado do amor e da persistência, sempre iluminando e abrindo meu caminho. Meu eterno agradecimento à minha preta velha, por me orientar com seus sábios conhecimentos, e também ao meu Erê, que sempre trouxe a inocência e a doçura para a minha trajetória. A todas as falanges, a vocês divindades, muito axé!

Agradeço ainda, a minha família de religião, a Casa de Caridade Ogum Beira Mar, em especial ao meu pai de santo, Pai Rodrigo de Ogum Beira Mar, e aos seus guias por todo amparo, sempre me motivando a continuar, a nunca desistir. Sempre esteve protegendo espiritualmente meu caminho. Sou grata pelas longas conversas, conselhos e apoio às minhas decisões.

Agradeço a minha sogra Cláudia, ao meu sogro Valdirei e toda a família. Ao longo da minha trajetória acadêmica passei por diversas situações negativas, e eles estavam ali,

formando minha base de apoio e crescimento, agradeço a cada ajuda, seja no financeiro ou acolhimento como família.

Agradeço ao governo do ex presidente Luiz Inácio Lula da Silva que sancionou a lei do Programa Universidade para Todos (ProUni), elaborada pelo Ministério da Educação. Possibilitando assim, a minha entrada em uma universidade.

Agradeço a minha família, minha irmã Jessica e ao meu irmão Ramon, por me apoiaram, e por serem meu alicerce. Agradeço ainda, minhas primas, Nicole e Laura por desde o início me apoiaram e incentivaram o meu crescimento.

Agradeço aos professores e professoras do curso, aos quais tive a honra de conhecê-los, sempre foram muito dedicados e apostavam em nosso crescimento pessoal e profissional. Em especial ao professor Gustavo, meu orientador, por mostrar-se mais que um educador, foi um amigo, e também, parceiro de bar. Esteve presente desde o início, fez de tudo e mais um pouco por nós. Grata por toda sua paciência e dedicação. Como também ao professor Eduardo Osório, por todo seu sábio conhecimento e paciência. A vocês, minha imensa admiração e gratidão pelos conhecimentos compartilhados a nós.

Agradeço ainda a toda comunidade acadêmica, em especial a psicóloga Jalila Rahman, onde fui agraciada pelo Programa Acolher, possibilitando além da melhoria da minha saúde mental, o meu processo de compreensão do meu eu interior e exterior. Gratidão a todo o seu auxílio.

Por fim, agradeço a cada um que traçou meu caminho, deixando um fio condutor entre nós, minhas colegas e meus colegas de curso, gratidão a cada um por esses anos de experiência. Em especial a minha dupla de TCC, Ritha Lummertz, por toda paciência e compreensão desde o início, não só da pesquisa, mas como o início da nossa amizade, levarei sua amizade para o resto da minha existência, assim como, a Ana Bertolina, que sempre me ergueu, e teve grande peso no meu crescimento profissional, a vocês, minha grande admiração. Em memória, a Gabriel Batista, amigo, artista que deixou em mim grande admiração. Sei que se estivesse aqui, em Terra, estaríamos lutando e defendendo causas sociais, através da nossa arte. Hoje és poesia, luta e minha fonte de inspiração.

Agradeço também aos meus colegas de curso e grandes artistas cujo possuo imensa admiração, Yonara e Reveraldo, do Cirquinho do Revirado, por incentivarem e propiciarem experiências teatrais as quais tenho grande carinho.

A todes vocês, gratidão e muito axé!

Mixa Miranda.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado força para acreditar no meu sonho, nunca desistir apesar de muitos desejarem isso, agradeço pela coragem de continuar dia após dia.

Agradeço a minha mãe Lorena, que sempre esteve do meu lado acreditando e apoiando meus projetos. Mãe, obrigada por ser essa mulher incrível, obrigada por não medir esforços, se durante esses anos eu consegui encarar a rotina cansativa, foi tudo por você, é tudo para você! É do seu abraço e do seu riso que eu tiro forças, meu maior exemplo. Ao meu pai Paulo, que sempre fez o possível e impossível para me levar todos os dias ao serviço, sem ele eu perderia a Van e não poderia estar realizando esse sonho. Muito obrigada por ser esse pai parceiro, presente, incrível e sempre estar comigo nas dificuldades. Aos meus irmãos Gabriel e Cristian, que sempre estiveram do meu lado, sempre fizeram de tudo para me ajudar e nunca duvidaram do meu potencial.

À minha família, por seu apoio e entenderem meus momentos de ausência.

Ao Nairon, que sempre esteve comigo, desde a matrícula, presenciou de perto minha felicidade por entrar no curso e aguentou minhas crises de ansiedade durante momentos difíceis, pela compreensão quando eu não podia estar junto dele. Obrigada amor!

À minha primeira professora de teatro, Mirian Cardoso, obrigada por despertar esse amor pela arte em mim e obrigada por compartilhar suas experiências comigo. Você sempre acreditou que eu realizaria esse sonho. Obrigada, és única!

Ao meu orientador, Luiz Gustavo Bieberbach, que sempre esteve presente, ouvindo, auxiliando, dando forças para que esse trabalho fosse concluído. Os professores, são pessoas que aprendemos muito dentro e fora da sala de aula. O que aprendi com você, estará sempre comigo. Muito obrigada, por todos os ensinamentos, dedicação, amizade e paciência!

Gostaria de deixar meu profundo agradecimento ao professor, Eduardo Osório, obrigada pelos ensinamentos durante esses anos de graduação. São ensinamentos que estão comigo. Obrigada!

Agradeço à coordenação de teatro por ter me recebido tão bem e de forma tão carinhosa. Nunca esquecerei tudo que vivi na universidade. Em especial, a querida coordenadora do Curso, Aurélia Honorato, obrigada por estar presente e incentivar nosso trabalho na reta final.

Aos professores incríveis que conheci durante o curso eu deixo uma palavra de gratidão, sou grata pelos conhecimentos, sabedorias e pela paciência.

A minha amiga Larissa, que sempre esteve comigo, desde o primeiro dia, ouvindo, incentivando, me dando forças para seguir meu sonho mesmo quando tudo parecia estar desmoronando. Você é minha melhor versão, meu outro eu. Obrigada!

Á minha colega de TCC, uma grande amiga e irmã! Mixa Miranda, minha conexão do curso, minha parceira de projetos, foi um prazer te reencontrar nessa vida e compartilhar tantos momentos lindos ao seu lado. Sei que vou levar sua amizade para onde eu for, pois nossa cumplicidade é linda. Sei também que nossos caminhos foram cruzados para juntas realizarmos nossos sonhos. Obrigada pelos abraços apertados, pelos choros compartilhados e por tudo que vivemos juntas nesses anos!

Á, Tati Bertoldo, obrigada por estar comigo em momentos difíceis quando eu pensava em desistir de tudo, obrigada por me reerguer. Você e a Mixa são minha família de Criciúma.

Aos meus colegas de trabalho, que de alguma forma estavam me dando força para a conclusão desse trabalho. Obrigada pela compreensão em momentos que eu estava ansiosa e nervosa. Grata por acreditarem em mim!

Sou grata a todos meus colegas de curso, tudo que vivi com vocês foi lindo e intenso. Passamos por uma perda incomparável, foi difícil para a turma continuar depois de perder o nosso Gabriel, mas juntos encontramos forças, pois ele era força, ele era luz. E assim conseguimos nos reerguer. Está chegando ao fim de um ciclo de muitas risadas, choro, felicidade, conquistas. Mas tenho certeza que levarei todos vocês comigo. Foi ao lado de pessoas que jamais vou esquecer que passei os momentos mais especiais minha vida. Eu sou muito grata a vocês, meus colegas e meus amigos. Agradeço do fundo do meu coração por todas as coisas que me proporcionaram. Nem sempre foi fácil enfrentar os desafios, mas que cresci de um jeito incrível desde a hora que a vida nos juntou. Grata a todos! Vocês moram no meu coração.

E Gabi, meu coração dói tanto por você não estar aqui, mas saiba que terá sempre um lugar no meu coração, saiba que onde eu estiver o seu nome estará também. O seu legado irá continuar, eu juro que irá.

A todos, meu muito obrigada!

Ritha Lummertz.

“Qual é a relação entre a política e a arte?”

- A. A arte é uma arma política.
- B. A arte não tem nada a ver com a política.
- C. A arte serve ao imperialismo.
- D. A arte serve à revolução.
- E. A relação entre a política e a arte não é nenhuma dessas coisas, todas essas coisas, algumas dessas coisas, todas essas coisas.”

Carl Andre

RESUMO

O presente trabalho segue a linha da arte e política, mais especificadamente o contexto histórico que leva até o ativismo e suas ações políticas, consolidadas como causa e reivindicação social. Tendo como objetivo reflexões sobre a eficácia dos impactos causados no meio social, como transformação através da arte. Tomando forma descritiva e exploratória, com embasamentos teóricos sobre o tema. Descreveremos também, sobre artistas da nossa região, mais precisamente sobre o Coletivo Sou que desenvolvem suas pesquisas práticas dentro da linguagem do ativismo. Analisamos segundo os relatos, o impacto social e político que o ativismo proporciona, buscando compreender, interpretar determinados comportamentos e opiniões. Em uma tentativa de desconstrução enquanto mudanças de hábitos, pensamentos e perspectivas do indivíduo na sociedade. A pesquisa toma forma qualitativa, utilizando procedimentos de modo bibliográfico e documental, que resulta em um memorial descritivo da nossa ação performática CONTRACONTROLE no campus da UNESC.

Mesmo sabendo que há diversas formas de manifestar, reivindicar algo, escolhemos esse tema trazendo para nossa área, pois acreditamos na força da arte como impulso para a transformação.

Palavras-chave: Arte e Política; Ativismo; Artista ativista; Intervenção Artivista; Teatro político.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1- Um homem é um homem. Turma de Teatro- UNESC Ruy Hulse 2019.....	21
Imagem 2- Um homem é um homem. Turma de Teatro- UNESC Ruy Hulse 2019.....	21
Imagem 3- Um homem é um homem. Turma de Teatro- UNESC Ruy Hulse 2019.....	22
Imagem4- Um homem é um homem. Turma de Teatro- UNESC Ruy Hulse 2019.....	22
Imagem 5- De r Lei. Coletivo SOU. Nações Shopping 2019.....	26
Imagem 6- Der r Lei. Coletivo SOU. Nações Shopping 2019.....	33
Imagem 7- De r Lei. Coletivo SOU. Festival Nacional de Teatro Revirado 2019.....	33
Imagem 8- Proci(ação). Turma de Teatro - UNESC. Performance 2018/1.....	35
Imagem 9- Proci(ação). Turma de Teatro - UNESC. Performance 2018/1.....	36
Imagem 10- Proci(ação). Turma de Teatro - UNESC. Performance 2018/1.....	36
Imagem 11- A busca. Turma de Teatro - UNESC. Performance 2018/2.....	38
Imagem 12- Sem título. Turma de Teatro - UNESC. Processo de criação 2019/1.....	41
Imagem 13- O papel de cada um. Turma de Teatro - UNESC. Intervenção artística 2019/1....	42
Imagem 14- O papel de cada um. Turma de Teatro - UNESC. Intervenção artística 2019/1.....	42

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CENTAC - Centro de Atendimento ao Acadêmico

LGBTQIAP+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Polissexuais, e engloba todas as orientações sexuais, identidades e expressões de gênero

UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	14
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEATRO POLÍTICO.....	16
2.1 TEATRO POLÍTICO COM EMBASAMENTO DE ERWIN PISCATOR	17
2.2 BERTOLT BRECHT	18
3. ARTE E POLÍTICA.....	23
3.1 A(R)TIVISMO	23
4. NOSSAS AÇÕES ARTÍSTICAS E A CONFLUÊNCIA AO ARTIVISMO	34
4.1 PROCI(AÇÃO)	34
4.2 A BUSCA.....	37
4.3 O PAPEL DE CADA UM.....	38
5. MEMORIAL DESCRITIVO:	43
6. CONCLUSÃO	47
7. REFERÊNCIA.....	50

1. INTRODUÇÃO

Nosso interesse em nos expressar criticamente vem de longa data. Sempre que surgiam assuntos que nos causavam um certo desconforto, tínhamos dificuldade em nos expressar, exteriorizar nossos sentimentos verbalmente. Foi então, com o início do curso que começamos a descobrir nosso corpo como instrumento artístico.

Ao decorrer do curso de Bacharelado em Teatro, principalmente com as aulas práticas, conseguimos aguçar ainda mais a percepção de que era isso mesmo que nos fascinava. Além de tudo, descobrimos também que nós compartilhávamos as mesmas dificuldades e vontades que borbulhavam dentro da gente.

Dessa forma, nossa conexão foi nos aproximando e nos tornando mais livres para compreender o universo da alteridade para juntas colocarmos nossas vontades para fora, através da arte, do corpo, e, conseqüentemente do ativismo.

Em relação a alteridade, gostaríamos de um adendo sobre esse assunto, que nos envolve enquanto artistas e em todo o universo do fazer teatral, assim como nos permite um olhar mais empático nas relações sociais, ultrapassando os limites do palco, entre ator/atriz e público, ator/atriz e sociedade, nos capacitando, colocando no lugar do outro na relação interpessoal.

Segundo o dicionário online Dicio¹, a definição de alteridade pode ser entendida como: Caráter ou estado do que é diferente, distinto, que é outro. Que se opõe à identidade, ao que é próprio e particular; que enxerga o outro, como um ser distinto, diferente.

Para entendermos a nós mesmos, precisamos nos reconhecer no outro e o outro dentro de nós mesmos. Sendo assim, podemos entender o outro, aprender com seus gestos, posturas, até mesmo seus hábitos, aprender e aplicar em nós mesmos. É necessário, olhar para o outro e conseguir perceber as diferenças que existem, para nos preparar, remodelar e assim, nos tornarmos capazes de assimilar em nós aquilo que nos torna parte de uma sociedade particular.

Deste modo, conseguimos perceber e entender o que julgamos ser uma das principais funções da arte no meio social, que é representada através da linguagem que ultrapassa a simples comunicação ao transmitir ideias e sentimentos, influenciando culturalmente o meio. Esse movimento cria uma interação indivíduo e sociedade.

¹ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/alteridade/>

Durante esse processo, surge a indagação: Como se posicionar diante a sociedade causando questionamentos? E mais além, qual o impacto das intervenções artivistas no poder político e sociocultural?

Primeiramente, é necessário compreender dois termos que são muito mencionados ao longo deste trabalho: o termo teatro político e o artivismo.

Sendo assim, no capítulo dois será abordado brevemente o contexto geral sobre o teatro político e seus influenciadores, pois não existiria o artivismo da forma que existe nos dias atuais sem passar pelos primórdios teatrais, partindo da Grécia antiga, com alguns dramaturgos e mencionando suas contribuições teatrais como formas de protestos sobre assuntos pertinentes na realidade da época. Seguindo, encontramos um embasamento sobre o teatro político na visão de dois grandes dramaturgos alemães. Além de exemplificarmos uma peça de um desses dramaturgos, que foi montada por nós, acadêmicas da primeira turma do curso de Bacharelado em Teatro, foi uma peça adaptada para questões do atual cenário político brasileiro.

No terceiro capítulo, ingressamos na Arte e Política, onde podemos evidenciar que a relação entre esses polos se intensifica a partir dos anos noventa. Com movimentos artísticos quando possui objetivo de evidenciar estipulados assuntos, a partir de um posicionamento político, buscando alcançar um determinado grupo de pessoas. Com base, nos aprofundamos no a(r)tivismo, que é um termo usado recentemente por grupos que buscam respostas e questionamentos através da própria arte. Logo, seguimos com uma entrevista realizada com um coletivo de artivistas da nossa região.

Já no quarto capítulo, entrelaçamos as ações artísticas realizadas durante os anos de graduação com o artivismo, pois na criação de todas, tiveram acontecimentos do nosso cotidiano que nos causavam incômodos e sendo assim, levamos essas revoltas para a criação de todas as ações, como forma de reivindicação e manifestação.

O quinto capítulo, será exclusivamente sobre nossa produção artística, idealizada a partir de vivências, memórias, inquietações, dores que nos acompanham desde sempre, enquanto construção da mulher na sociedade. A intervenção é parte do trabalho de conclusão, do curso de Teatro – Bacharelado, da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Assim sendo, nosso objetivo é executar uma intervenção artística/artivista pelo Campus da UNESCO. Entre tantos temas que nos causam incômodo, nós focaremos especificamente em um, buscando gerar reflexões críticas sobre a sociedade em que vivemos. Optamos por abordar o assunto sobre violência doméstica contra a mulher, incluindo o aumento desses casos durante a pandemia do Covid-19.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEATRO POLÍTICO

Por se tratarem de assuntos tão complexos e com muitas vertentes, faremos uma breve contextualização sobre esses assuntos a partir da visão de dois grandes dramaturgos alemães. Então, para damos continuidade do que foi o artivismo, vale destacar que, sem as manifestações artísticas de Piscator e de Bertold Brecht², que foram influenciados pelo tipo de teatro da agitação e propaganda (*Agitprop*)³. Nesse contexto, o teatro político utilizava como ferramenta para propagar em grande massa, ideologias do movimento, do partido, resultando a expansão cultural do comunismo soviético.

Portanto, não existiria o movimento artivista, não da madeira como existe hoje. Por essa razão, cronologicamente, apontamos que o teatro político pode ser tido como um ancestral direto do artivismo. O teatro é uma das expressões artísticas mais antigas, foi ainda na pré-história que tivemos os primeiros atos políticos ligados ao teatro como em rituais de adoração a figuras mitológicas.

O teatro requer espectadores, reunidos, como uma convocação de forma pública. Podemos afirmar a partir das pesquisas do filósofo francês Guénoun (2003), que a convocação, de forma pública, e a realização de uma reunião, seja qual for seu objeto, é um ato político. O teatro é, conseqüentemente, uma atividade intrinsecamente política.

Primitivamente, na Grécia antiga o teatro começou a ganhar um corpo político, com o desenvolvimento das escritas dramáticas de alguns dramaturgos como Ésquilo, Sófocles e Eurípedes. Os referidos estudiosos, exploravam e questionavam a criação humana, buscando evidenciar as relações entre o homem, seus conformes e o mundo. Outro exemplo que podemos mencionar é a obra de Aristófanes⁴ que criticava os governantes da época. Do mesmo modo como as peças de Shakespeare⁵ na Inglaterra e, mais próximo a nós, com Gil Vicente⁶.

² Aprofundaremos mais sobre Piscator e Brecht, a partir da página 17.

³ De acordo com o site Wikipedia, o termo *Agitprop* um acrónimo derivado das palavras *Agitação* e *Propaganda*. Para os adeptos das ideias marxista-leninistas, é utilizado como ferramenta para divulgação do Movimento Revolucionário e a existência do partido. Basicamente, o artivismo político e social é conduzido por organizações de base, organizações de massa e movimentos populares com o intuito de agitar a sociedade, dar visibilidade ao movimento, aos conflitos entre trabalhadores, sociedade em geral e o governo. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Agitprop>.

⁴ Aristófanes foi um dramaturgo grego. É considerado o maior representante da comédia antiga.

⁵ William Shakespeare foi um escritor, dramaturgo, ator e poeta inglês. Considerado por muitos como o maior escritor da história da língua inglesa, ele é um dos dramaturgos mais influentes do mundo.

⁶ Foi um dramaturgo e poeta português, o representante maior da literatura renascentista de Portugal antes de Camões. Criador de vários autos é considerado o fundador do teatro em Portugal.

Os vínculos entre a sociedade e o cidadão, eram estritamente políticos. No teatro, as apresentações não eram consideradas somente parecidas com a realidade, mas sim, reforçavam a matéria prima sociocultural para afrontar o espaço cênico com relatos do contexto social da época.

Tudo se trata de política. O filósofo grego Aristóteles nos ensina que o homem, é naturalmente, um animal político.

O teatro nasceu para ser político, para simbolizar, ritualizar elementos da vida em comunidade, propondo dialogar, pensar e ressignificar. Na sua essência, o teatro é político, por ter uma relação única, convergindo uma série de impressões, sensações do ator e do público, podendo transformar naquele momento de instalação. Política e teatro andam sempre de mãos dadas.

Não é uma evidência que todo teatro seja político, e nesse sentido, é importante frisar que o teatro político não é fazer política na cena, política partidária, mas é compreender em que medida ainda é possível se posicionar e elaborar experiências sociais em cena. O teatro, assim como na literatura, é um lugar onde podemos reconfigurar as nossas existências a partir de outras perspectivas. Então, no primeiro momento, o aspecto político do teatro está no fato de que o cidadão interrompe a ação política para ver como a política funciona.

De certo modo, essa origem da discussão está na própria configuração do que seja o teatro, a palavra teatro quando surge na Grécia (*theatron*)⁷ designa o lugar onde se vê, é onde o indivíduo suspende provisoriamente a sua vida cotidiana e senta para ver na cena, como a cidade funciona, pois, o teatro nada mais é do que a representação da vida social, portanto, para ver como a política funciona.

2.1 TEATRO POLÍTICO COM EMBASAMENTO DE ERWIN PISCATOR

Na história do teatro político, um dos primeiros a trabalhar com essa linguagem entrelaçando com questões sociais foi o diretor alemão Erwin Piscator. Além de diretor, ele foi um dramaturgo e produtor teatral, foi ele quem começou o teatro político na “década dos vinte”⁸, tempestuosos anos que se seguiram à Primeira Guerra Mundial. O teatro político surgiu

⁷ Segundo o site <https://www.todamateria.com.br/teatro-grego/>

⁸ [...]. Em todos os ventos da época ondulava a rubra bandeira da revolução, ao mesmo tempo bandeira partidária e símbolo de anseio brotado do meio do estrondo e da chacina da guerra. Era o teatro proletário a substituir o palco da humanidade. Estão juncadas de provocações e proclamações as estradas que deveriam conduzir ao paraíso terrestre. Aos desafios respondem escândalos. Estetas e esteticistas erguem-se contra as peças dogmáticas, e os destinos particulares são postos de lado pelos destinos políticos, econômicos, sociais.” (PISCATOR, 1968, p.2)

com o intuito de que essa linguagem dialogasse com as necessidades da sociedade em enxergar a realidade. Tudo começou em saídas de restaurantes e palcos de associações. A época voltou-se contra o novo barroco, com coros proletários, cartazes, máquinas, mecanismos e documentos cinematográficos, entre outros. Foi onde surgiu um novo teatro, o teatro pedagógico-político.

Piscator formula:

Apreensão, identificação, confissão. É assim que ele vê o seu caminho, pelo qual pretende guiar os outros. O ponto culminante contém as suas intenções, o seu alvo, o sentido e a missão do teatro da coletividade saídos de um espírito, as possibilidades dessa forma cênica e as causas dos repetidos malogros. Havia espetáculos políticos, obras de arte a serviço da razão de estado, obras de arte a serviço da razão de Estado, obras de arte a servido do dogma partidário. O que não havia era teatro político. De súbito, declarou-se político um diretor artístico, um homem de teatro, senhor de magistras qualidades, um homem que recorreu a técnica e a arte, ao humano e a máquina para criar o teatro político, o teatro que abala, que desperta, que absorve. (PISCATOR, 1968, p.2)

Piscator acreditava que o conflito político e as transformações sociais contribuía para a criação da arte. Ele também acreditava que o conteúdo de uma peça é importante para sua forma. Segundo Drews, “Erwin Piscator foi um homem que recorreu a técnica e a arte ao humano e a máquina para criar o teatro, o teatro que abala, que desperta, que absorve” (DREWS, 1952, p. 2). Piscator queria um teatro que pudesse abalar a vida das pessoas a modo que elas pudessem pensar sobre suas atitudes e da sociedade. Piscator, junto com Brecht, foi um dos expoentes do teatro épico, um gênero que privilegia o contexto sócio-político do drama e criador do teatro documentário.

2.2 BERTOLT BRECHT

Eugen Bertold Friedrich Brecht foi um importante dramaturgo, poeta e encenador alemão do século XX. Muitos trabalhos do Brecht influenciaram profundamente o teatro político, tornando-o mundialmente conhecido e de grande influência no teatro moderno brasileiro.

Levou ao palco, principalmente uma crítica as relações humanas dentro do mundo capitalista, criando assim, um novo estilo de teatro, mais tarde chamado de Teatro Épico. Nesta modalidade, o drama é narrativo e nos oferece uma análise crítica da sociedade, o espectador é um observador, acompanhando todo o percurso da montagem e de cada cena por

si mesma, levando-o a reagir criticamente e a tomar posição. Com a quebra da quarta parede⁹, há o diálogo do ator com o público, possibilitando essa postura crítica. Ao contrário da forma dramática, onde o espectador fica imerso na situação cênica.

Em todas as peças de Brecht, era possível observar um cunho extremamente político. Sempre tentando deixar subentendido sua crítica em determinados assuntos, mas era notável seu posicionamento em todos os seus trabalhos. Para ele, somente fazer teatro por fazer não era suficiente, ele detestava a ideia de um teatro panfletário. Ele tinha como objetivo aguçar o senso crítico do público. Como ele mesmo dizia, “Tudo deve ser questionado”. Para Brecht, não havia nexos produzir teatro sem agregar questões políticas. Era de extrema importância que seus conteúdos levassem o espectador a refletir sobre os acontecimentos da sua época. Então, para Brecht, o teatro precisa ser construído pensando na vivência de sua contemporaneidade, pensando nas questões que precisam ser modificadas. Nas próprias palavras do dramaturgo:

Necessitamos de um teatro que não nos proporcione somente as sensações, as ideias e os impulsos que são permitidos pelo respectivo contexto histórico das relações humanas (o contexto em que as ações se realizam), mas, sim, que empregue e suscite pensamentos e sentimentos que desempenhem um papel na modificação desse contexto. (Brecht, 2005, p.142. apud RODRIGUES, 2010, p.43)

Tivemos a oportunidade de participar da montagem de uma de suas peças, durante a graduação. Dialogaremos sobre a nossa experiência com Brecht, mais especificamente sobre a referida peça intitulada *Um homem é um homem*, que apresentamos no quarto semestre do curso de Bacharelado em Teatro, no decorrer da disciplina de Atuação III.

A peça foi dirigida e adaptada pelo professor Eduardo Osório e apresentada no Auditório Ruy Hulse da UNESCO, no dia 27 de junho de 2019, para o público externo, entre eles: amigos, acadêmicos, professores e familiares. Esse foi nosso maior espetáculo em termos de estrutura já apresentado durante a trajetória do curso.

Essa obra é um clássico de 1924, que conta a história do personagem Galy Gay, um homem simples, que um certo dia resolve sair de casa para comprar um peixe. Por ser ingênuo, acaba caindo em ciladas e se transformando em um assassino sanguinário, lutando em uma guerra, com ideais que ele nem mesmo desconhece. Durante a montagem do espetáculo, decidimos alguns pontos que pensamos ser importantes e que trouxessem questionamento para o público.

⁹ Uma divisória imaginária situada na frente do palco do teatro e através da qual a plateia assiste à ação do mundo encenado sem interferência. É uma quebra de artifício, na qual o público olha a “verdade”, como que por meio do buraco de uma fechadura. Fonte <https://www.spescoladeteatro.org.br/noticia/ponto-a-quarta-parede/>

A direção seguiu uma das sugestões de Brecht, que dizia para que ninguém efetuasse o seu teatro como foi escrito, que procurassem adaptar para suas determinadas épocas e contexto social. Como referência, trouxemos o atual cenário político brasileiro e alguns determinados recursos que provocam outras e novas formas de emoção, elevando o espectador ao plano da reflexão, da análise, da crítica, como o do distanciamento¹⁰ que era algo que ele prezava muito. Portanto, no processo de criação, visamos cuidar desses aspectos e criar um cenário bem fictício, por exemplo, o nosso elefante que era composto por panos e formado por atores do elenco, no nosso figurino utilizamos capas de chuva transparente, o cenário foi elaborado a partir de caixas de papelão, o quepe foi feito com papel pardo, e nossas armas foram feitas com bobinas de papelão. O teatro que Brecht propunha era mostrar que aquele acontecimento era farsesco, era mostrar que os atores de fato estavam interpretando, tirando os espectadores dessa imersão, desse universo ilusório que muitos espetáculos nos proporcionam, levando-os a reagir criticamente e a tomar posição.

No processo de distanciamento de Brecht, os atores, ao se distanciarem, assumiam uma posição analítica segundo os acontecimentos narrados nas cenas. É criado um momento de reflexão, como se o ator estivesse criticando o posicionamento do seu próprio personagem, o ator coloca-se ao lado do papel, tornando estranho aquilo que é tido como normal, conhecido.

¹⁰ Segundo Brecht “distanciar um acontecimento ou um caráter significa antes de tudo retirar do acontecimento ou do caráter aquilo que parece óbvio, o conhecido, o natural, e lançar sobre eles o espanto e a curiosidade” (Brecht apud Bornheim, 1992:243).

Imagem 1. Um homem é um homem. Turma de Teatro-UNESC. Ruy Hulse. 2019.



Fonte 1. Acervo das pesquisadoras.

Imagem 2. Um homem é um homem. Turma de Teatro-UNESC. Ruy Hulse. 2019



Fonte 2. Disponível em <<https://encrypted->

[tbn0.gstatic.com/images?q=tbn%3AANd9GcR8gUzNoiKCaoAN_L1wEkzJWnIefzhjWX8G9g&usqp=CAU](https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn%3AANd9GcR8gUzNoiKCaoAN_L1wEkzJWnIefzhjWX8G9g&usqp=CAU)>

Imagem 3. Um homem é um homem. Turma de Teatro-UNESC. Ruy Hulse. 2019.



Fonte 3. Disponível em: <<https://tnsul.com/wp-content/uploads/2019/06/Teatro-fotodivulga%C3%A7%C3%A3o.jpg>>

Imagem 4. Um homem é um homem. Turma de Teatro-UNESC. Ruy Hulse. 2019



Fonte 4. Disponível em

<<https://www.facebook.com/teatrounescoficial/photos/a.2251581674937532/2251582921604074/?type=3>>

3. ARTE E POLÍTICA

Arte e Política, separadamente possuem suas próprias especificidades e instrumentos diversos de operação, porém, ao operarem juntas, ou em campos similares, propiciam uma quantidade significativa de novas conceituações, narrativas e complexidades processuais. De acordo com o sociólogo Miguel Chaia, arte política pode ser interpretada a partir da compreensão destas relações:

A compreensão da relação entre arte e política deve não apenas visar as circunstâncias históricas, mas também levar em conta as múltiplas concepções sobre o significado da política na arte. As diversidades de conceituação da política podem ser compreendidas numa larga faixa que vai da sua imediata identificação com o social, o coletivo, o público – conforme a tradição clássica – até as abordagens em torno da prática do sujeito, ao se considerarem as recentes formulações da micropolítica. Ao se supor a ideia primordial de política inventada no interior da pólis grega (politikós), bem como as especificidades da obra de arte, estão dadas inúmeras pistas para se pensar as relações entre arte e política. (CHAIA, 2007, p.19 apud VILAS BOAS, 2015, p.37).

Com início do século XX, mais precisamente a partir da década de 90, evidencia-se a junção entre a arte e a política. Essa fusão acontece quando artistas utilizam os acontecimentos da época como base de desenvolvimento para suas práticas artísticas, essa tentativa era colocar à vista situações contemporâneas, com o objetivo de chamar atenção de determinados grupos de pessoas, a partir de um posicionamento político.

Hoje em dia, há muita articulação artística¹¹ que vêm ganhando espaço das instituições como formas de atuação política, num crescente processo das atividades que ligam a arte e a política. Existe uma relação que é um tema amplo e bastante explorado pelos artistas de todo mundo e pesquisadores. A relação entre arte e política entrelaça-se com atividades artísticas que se tornam políticas ou as práticas políticas que procuram sustentação na arte. Esses fatos podem ser considerados como a origem do ativismo, bastante presente nos dias atuais.

3.1 A(R)TIVISMO

Continuando com nossa trajetória como acadêmicas de teatro, tivemos experiências que nos levaram a questionar acontecimentos que para uma grande parte das pessoas (incluindo acadêmicos da própria universidade) eram considerados “normais”. Estes questionamentos nos influenciaram a idealizar intervenções artísticas. Duas delas resultaram em ações performáticas

¹¹ Embora, sabemos que existem outras formas do fazer artístico que não seguem essa linha da arte engajada, sem preocupações sociais. Uma arte comercial, onde veem a arte como mero aspecto político.

dentro do Campus¹². Progressivamente, a identificação com essa linguagem artística, mais próxima à uma manifestação política foi se intensificando, o que posteriormente, entendemos como ativismo. Essas manifestações são tidas como forma de protesto questionando assuntos que achávamos pertinentes, que julgamos de extrema importância.

No processo de pesquisa, decidimos partir do nosso repertório. A princípio, abordaríamos neste trabalho de conclusão de curso a partir da linguagem da *performance art*¹³, o que até então era tudo que conhecíamos e que poderia se encaixar na nossa linha de pensamento.

Em busca de conhecimento para realizar este trabalho acadêmico, acabamos nos deparando com o termo “Artivismo”. Segundo o pesquisador Leandro Henrique Brasilio dos Santos

A arte ativista, enquanto estética de arte, é um movimento contemporâneo que se preocupa não apenas em registrar a história no mero aspecto contemplativo. Seu objetivo está no engajamento político e social, enfrentamento problemáticas relacionadas à política, a economia e a demais assuntos de interesse social (SANTOS, 2015, p.3).

Nenhuma de nós tínhamos conhecimento sobre o termo, porém, sabíamos que existiam artistas que usavam da sua arte para reivindicar causas sociais. Foi onde percebemos que gostaríamos de ampliar, extrapolando as fronteiras da *performance art*, pois nosso desejo era abordar mais linguagens. Antes de conhecermos esse termo, algo dentro de nós já pulsava na busca desse desejo de “incomodar através da arte”. Procuramos sempre ações ligadas a política. Além do mais, essa pesquisa nos resultou em um entendimento pessoal enquanto artistas, nos autodominando artistas artivistas. A arte está muito além do que muitos pensam e, para nós, a arte necessita e tem um viés político, tanto de quem está realizando, como de quem está assistindo, portanto, sempre terá um cunho político.

Na história, a partir dos anos 90, surgem termos para intitular arte e política, como: arte ativista e arte política. Posteriormente, outro termo surgiu causando muitos debates entre artistas e estudiosos: o A(r)tivismo, o neologismo do termo é recente¹⁴, caracterizando como um movimento contemporâneo, muito complexo e com múltiplas interpretações. Basicamente, artivismo é a junção entre arte, política e ativismo como militância.

¹² Detalhamento na íntegra da Performance “Proci(ação)” e da intervenção “Qual o seu papel?” disponível a partir da página 34 deste trabalho.

¹³ A performance passa pela chamada body art, em que o artista é sujeito e objeto de sua arte (ao invés de pintar, de esculpir algo, ele mesmo se coloca enquanto escultura viva). O artista transforma-se em atuante, agindo como um performer (artista cênico). (COHEN, 2002, p. 30).

¹⁴ Ao que tudo indica este conceito surgiu em 2003, num artigo de autoria de Juliana Monachesi, publicado no jornal Folha de São Paulo.

Segundo o site Outras palavras (2014)¹⁵, a palavra ativismo, surgiu com o objetivo de definir os artistas ativistas. Sendo assim, o nome ativismo começou a ser usado para intitular as ações sociais e políticas, que eram elaboradas por pessoas e coletivos com o intuito de amplificar, impactar, e problematizar conteúdos para causar reivindicações na sociedade. O artista ativista descobre na arte maneiras de expressar-se através de múltiplas linguagens, como arte de rua, música, o vídeo, ações performáticas e intervenções. Implementando sempre a realidade na sua forma de protesto. Desse modo, as ações artísticas são criadas com objetivo de provocar e gerar reflexão no seu público. De que vale a arte senão uma arte crítica? É no ativismo que encontramos expressão e inconformidades sociais.

Partindo de uma entrevista realizada através da plataforma *Google meet*, com integrantes do Coletivo SOU¹⁶. Podemos nos identificar com o posicionamento do grupo.

JOÃO GABRIEL: [...] O Coletivo SOU tem uma pegada mais ativista mesmo.
LIDIANE: a gente tenta fugir, mas não dá (risos) confessamos que é cansativo, é pesado. Às vezes queremos produzir uma arte mais leve, mais de boa, mas acredito que está na nossa raiz, de gritar através do nosso corpo, daquilo que a gente produz enquanto artistas, e a gente entende isso como um dos papéis da arte, de poder expressar posicionamentos que são políticos e sociais. Nada mais oportuno do que levar para as pessoas isso por meio da arte. [...] para nós do coletivo, política e arte são algo que são interligados, não há como separar. Acho que todo trabalho artístico tem um viés político, por mais que seja só entretenimento ele vai ter um viés político de quem está assistindo, de quem está fazendo. A política e a arte estão inseridas, não vou dizer a política partidária, mas a política enquanto um ser político, um ser que não é privado, que é público¹⁷.

¹⁵ Disponível em: <https://outraspalavras.net/blog/artivismo-criacoes-esteticas-para-acoes-politicas/>

¹⁶ Coletivo SOU é um coletivo de artistas independentes que atuam na cidade de Içara, Santa Catarina. Suas ações são voltadas a arte ativista, utilizam o corpo como instrumento artístico, sempre com cunho político. Explanaremos mais sobre o coletivo com uma entrevista executada para este trabalho, a partir da página 26. É possível encontrar mais referências sobre suas ações em suas mídias sociais. <https://ptbr.facebook.com/coletivosouicara/> e <https://instagram.com/coletivosouu?igshid=zpf34xl8i0h4>

¹⁷ Entrevista com o artista João Gabriel, e Lidiane Frello via Google meet, em junho de 2020.

Imagem 5. De r Lei. Coletivo SOU. Nações Shopping. 2019.



Fonte 5. Disponível em <
<https://www.instagram.com/p/Bx8y5UDH8SF/?igshid=10wctpegyx3ca>>

Tivemos contato com o referido coletivo porque uma de suas integrantes, Lidiane Frello, foi nossa colega de graduação por um determinado período. Inicialmente tínhamos o desejo de falar sobre as ações do Coletivo, grupo que temos grande admiração, e também por tratarem de assuntos pertinentes as nossas inquietações. Porém, suas ações não se adequavam no termo *performance art*, que a princípio seria o tema abordado neste presente trabalho. Desse modo, partimos para uma pesquisa mais profunda sobre conceitos de arte política.

Durante esse aprofundamento sobre ativismo, nos deparamos com a conceituação de intervenções artivistas, que é uma das linguagens dentro do ativismo. Sendo assim, conseguimos dar continuidade na nossa ideia inicial, o que também nos possibilitou uma maior amplitude na linguagem artística. Sabemos das inúmeras companhias, grupos, coletivos, artistas solos que seguem essa linha artivista. Entretanto, selecionamos o referido Coletivo porque gostaríamos de mostrar essa perspectiva mais próxima a nós, mais precisamente aqui na nossa

região. Abaixo destacamos um trecho da entrevista onde um dos integrantes, João Gabriel, relata o surgimento do coletivo.

JOÃO GABRIEL: [...] Vale destacar, falando sobre política, que o Coletivo Sou, nasceu de um projeto de uma política pública para a cultura. Era uma oficina de arte gratuita oferecida pelo poder público, onde as crianças foram crescendo dentro desse projeto, que em tese, pegava pessoas de bairros mais periféricos e trazia para o centro para aprender dança. As crianças que participavam desse projeto foram crescendo, se tornaram adultos e decidiram então, formar um coletivo de artistas. Acho que 90% do grupo estava desde o início. Então vale deixar bem claro, até eu acho legal conter na pesquisa, que o grupo nasceu de uma política pública voltada para a cultura. Muitos dos bailarinos que iniciaram como participantes das oficinas, se tornaram artistas profissionais, alguns buscaram a graduação em arte, ou em alguma linguagem da arte. O coletivo nasceu, repito de uma política pública. Nada mais é do que uma pura política, uma expressão daquilo que deveria ser o ideal de todos os governos, de estabelecer políticas públicas que fomentem não somente o acesso a saúde, infraestrutura, educação, mas sim o acesso gratuito de qualidade a cultura, ao fazer artístico, que fomenta a formação de profissionais¹⁸.

Entrando na questão das políticas públicas para a cultura, podemos constatar que é uma tarefa bem complexa e necessária na nossa região.

Há um impasse em tratar desta temática, que acreditamos estar ligada à complexidade da arte como comportamento social, as especificidades dos seus processos para a sua própria produção, circulação e fruição. Também pela falta de representantes entendedores do meio artístico, ocupando adequadamente esses cargos. É importante destacar que a cultura é de grande relevância para a promoção da cidadania cultural, reconectando as políticas culturais para o aprofundamento da democracia, potencializando a liberdade de expressão, o pensamento crítico, contribuindo com a transformação de valores, proporcionando o desenvolvimento humano, social e econômico. Sem essa diversidade, há uma regressão da cultura, de novos artistas e assim dificultando o crescimento do fazer artístico. Além de tudo, promove a ressocialização do indivíduo em estado de vulnerabilidade social.

O governo deve viabilizar debates a respeito das políticas culturais para o desenvolvimento da cultura, como maior contemplação do meio artístico, de forma que costuma fomentar infraestruturas, educação, saúde e entre outros. Mesmo assim, a cultura continua, sem dúvida carente, portanto, possuímos dificuldades em conseguir fomento quando se trata de assuntos pertinentes a questão da área. Aproximando para nossa região, há uma grande ausência de planos de ações voltadas a cultura, ao incentivo, a produção e a difusão de qualidade.

¹⁸ Entrevista com o artista João Gabriel, via Google meet, em junho de 2020.

No dia 20 de setembro de 2019, realizou-se no III Festival Nacional de Teatro Revirado, evento este, produzido pelo grupo de teatro Cirquinho do Revirado¹⁹, a apresentação do Coletivo SOU, com o espetáculo De r Lei, onde assistimos pela primeira vez. Por meio de ações performativas, o espetáculo nos evidenciou relatos sobre Derlei Catarina de Luca, professora que foi torturada durante a ditadura militar, entre os anos 60 e 70.

Com ações corporais, o grupo nos revela algumas formas de tortura que ela sofreu, como por exemplo, eletrochoque e afogamento. Durante a encenação, há a inserção de áudio visual com o relato da professora.

A tensão e o desconforto no público eram nítidos, assim como risadas e deboches, acreditamos, que esta resposta do público, pode ter acontecido devido ao tema que estava sendo tratado, e também pelos movimentos em que o grupo executava, movimentos esses que não são do cotidiano, causando essa aversão.

Familiares da professora retratada estavam presentes, conseguimos notar uma grande tristeza, era perceptível a dor. No final da apresentação choro e abraços foram compartilhados por aqueles mais sensíveis à causa.

Abaixo, um trecho da entrevista situando a partir da perspectiva do grupo sobre o espetáculo citado e a intenção ao desenvolvê-lo.

LIDIANE: inicialmente, a ideia era falar sobre a ditadura militar, por ser um fato histórico no Brasil que não é muito falado. Penso que nas escolas também não seja muito abordado, só passado por cima, e nós queríamos trazer isso de volta. Depois, através do João Gabriel que conhecia a Derlei, trouxe a ideia de falar sobre a história dessa mulher içarense que viveu na época da ditadura militar, que foi presa, torturada, exilada e sofreu todas as fases, digamos, da ditadura. Então demos continuidade, continuamos falando sobre a ditadura, mas através dessa mulher içarense.

JOÃO GABRIEL: Como a Lidi disse, a ideia inicial era falar sobre a ditadura, mas nós queríamos trazer para perto da gente. Pensamos na Derlei, apesar de outros içarenses que também lutaram durante o regime da ditadura, mas como a Derlei eu já conhecia de outros projetos e ela estava viva no início da pesquisa, então conversamos com ela sobre o assunto para trazer uma proximidade com o grupo, também pelo fato do grupo ser de Içara. O objetivo era mostrar para a população, para os espectadores a ideia do que aconteceu durante o regime militar por uma mulher da nossa cidade.²⁰

¹⁹ Grupo de teatro situado em Criciúma, Santa Catarina. Atuantes a mais de 20 anos nessa área. É possível encontrar mais referências sobre suas ações em suas mídias sociais. Segue o link para acesso: <https://instagram.com/cirquinhodorevirado?igshid=wcgladnyoetb>, <https://www.facebook.com/cirquinho.revirado>

²⁰ Entrevista com a artista Lidiane Frello e o artista João Gabriel, via Google meet, em junho de 2020.

Uma das nossas perguntas para realizar este trabalho, era denotar a eficácia do ativismo como forma de manifestação. Portanto, do nosso ponto de vista, um dos espetáculos do grupo chamado *De r Lei*, se engloba dentro do nosso foco de pesquisa.

Seguindo a linha de pensamento, questionamos se houve alguma mudança no poder político e/ou sociocultural, através do espetáculo e obtivemos a seguinte resposta:

LIDIANE: Eu acredito que atingiu a partir do momento em que a galera começou a criticar. Quando a pessoa se sente incomodada, se sente ferida, ela se sente de alguma forma atingida e ela quer a qualquer momento brigar, dar de frente, porque infelizmente a nossa cidade é uma cidade muito conservadora, é a grande maioria, então temos mais essa barreira. Então acho que atingiu mais nesse sentido, de se sentirem incomodados, essa parte que assistiu nosso espetáculo pela live, exclusivamente se sentiram muito incomodados. Eu acredito que quem estava ali, no físico, presencial, a grande maioria conseguiu entender. Porque, ali fisicamente, quem assistiu ao espetáculo do começo ao fim conseguiu entender, com a gente falando depois, a pessoa consegue entender a intenção do nosso espetáculo realmente. Mas ver um trecho em uma live, não dá para tirar nenhuma conclusão. Então nesse sentido aí, atingimos sim.

JOÃO GABRIEL: No dia que nós fomos apresentar no Nações Shopping, tinha um ato pró-Bolsonaro na praça algumas horas antes [LIDIANE: a gente estava com medo (risos)] e estávamos com muito medo, o que para mim já é uma interferência política. No dia que nós apresentamos no SESC, foi o dia em que o Lula foi solto. Nós não conseguiríamos responder se interferiu no sistema político. [LIDIANE: Em grande escala, é meio complicado.]

LIDIANE: [...] Só pelo fato de a gente ser considerado um grupo de esquerda, de alguma forma já atinge. Temos outros meios que a gente atinge. Nós tivemos muito retorno positivo, não só negativo. Aqui de Içara temos um grande apoio, muitas pessoas da política... enfim, não é só o negativo. [...] ²¹

De acordo com nosso ponto de vista, a arte interfere no meio social a partir do momento em que alguém se sente incomodado, de certo modo, aquilo irá fazê-lo, refletir, questionar e até mesmo difundir o que viu. A arte possibilita um diálogo com quem a observa. É na arte onde o indivíduo se desconstrói, a arte acaba exercendo sua função social humanizadora, atingindo os espectadores presentes.

Com o espetáculo *De r Lei*, não foi diferente, em um *live* ²² da apresentação do grupo, muitos comentários foram ofensivos, difamando-os e adjetivando a sua arte com tons ofensivos. Consequentemente, a arte interfere no meio sociocultural até mesmo, podendo chegar ao meio político. O sujeito passa a manifestar-se revelando suas crenças, medos e vontades.

²¹ Entrevista com a artista Lidiane Frello e o artista João Gabriel, via Google meet, em junho de 2020.

²² Disponível em: <https://www.facebook.com/portalcanaLicara/videos/436704366946249>

É através da arte que o indivíduo vai exprimir-se e revelar suas intenções. FISCHER²³ (1987, p. 51-52), ainda manifesta “A tarefa do artista é expor ao seu público a significação profunda dos acontecimentos, fazendo-o compreender claramente a necessidade e as relações essenciais entre o homem e a natureza e entre o homem e a sociedade”. (Apud BIESDORF; WANDSCHEER, 2011, p. 4).

O que nos impulsionou a realizar essa pesquisa acadêmica, foi a nossa crença em que a arte tem um poder transformador, ela pode causar mudanças em uma sociedade através de suas ações. Então, na busca de resultados para nosso próprio questionamento, perguntamos para o grupo se a intervenção artística *De r Lei* como forma de ativismo, obteve a visibilidade necessária para tal problemática.

De acordo com o Coletivo, na época da criação do espetáculo, estava ocorrendo o processo de *impeachment* da ex-presidenta do Brasil Dilma Rousseff, o que segundo os integrantes, torna um espetáculo muito atual, novo, por mais que ele tenha uma pesquisa muito longa, a ideia da ditadura veio em 2014. A seguir, destacamos fragmentos da entrevista que mostra mais aberta esta questão.

JOÃO GABRIEL: Vivemos em um momento onde parece que tudo irá voltar, como essa questão do regime militar. [...] Então, entendemos que esse é um espetáculo que fala de 1964, mas está muito presente nos dias de hoje [...] então, eu acredito que sim, atingiu o que nós queríamos. Inclusive, em uma das nossas apresentações que ocorreu em Içara, no Festival Revirado, um canal do município, Canal Içara, postou um pedacinho do vídeo do espetáculo e os comentários foram horríveis, de muitas ameaças, ficamos com medo. Então, se o nosso intuito era incomodar, nós incomodamos a quem se sentiu incomodado. Se o nosso intuito era educar, nós atingimos uma população, pois nesse dia, como o espetáculo era de Içara, muitas escolas nos procuraram, professores de história que queriam mostrar o espetáculo aos alunos para contextualizar aquilo que estava sendo discutido dentro da sala de aula. Outro processo que nós entendemos que atingiu o público que nós queríamos, é a questão da universidade, hoje vocês estão utilizando o nosso trabalho em uma pesquisa científica. Porque nós entendemos que todo trabalho artístico provém ou deveria prover de uma pesquisa, para que não se entenda simplesmente o fazer artístico como fazer por fazer, mas um fazer científico e não empírico.

LIDIANE: Eu acredito que ele ainda está atingindo, não acabou... é um processo. Principalmente agora, neste momento que estamos vivendo, que é um momento em que corremos esse risco, da volta a ditadura. Mais do que nunca precisa ser falado sobre isso.²⁴

Concordamos com a citação abaixo de que o que é produzido reflete na obra de determinados artistas. “A arte por meio de suas representações procura compreender as

²³ Ernst Fischer (1899-1972) nascido na Austrália em Boêmia. Foi talhado para ser filósofo, poeta, ideólogo, teórico marxista, jornalista e crítico de arte do mais alto nível.

²⁴ Entrevista com o artista João Gabriel, e Lidiane Frello via Google meet, em junho de 2020.

características próprias de um momento da sociedade e é uma forma de manifestação social. O artista usa a obra para relatar o seu momento”. (BIESDORF; WANDSCHEER, 2011, p. 3)

Nós acreditamos que todo artista seja politizado, pensamos ser um processo de descoberta e percepção. É adentrando na arte, mais precisamente na arte ativista que conseguimos refletir sobre a realidade que estamos imergidos, transmitindo isso aos demais. Dessa maneira, as pessoas conseguem se posicionar, questionar e modificar suas convenções. A arte é a representação da realidade social, ela nos mostra como o mundo é suscetível a ser mudado, implicando na transformação, e enfatizando o seu sentido.

Partindo da perspectiva do público, para que o espectador não permaneça na posição da passividade, precisam deixar de serem apenas observadores e tornar-se agentes de uma prática coletiva. A partir das reflexões de Jacques Rancière, em sua obra *O espectador emancipado*, podemos encontrar reverberações no trabalho *De r lei...*

A emancipação, por sua vez, começa quando se questiona a oposição entre olhar e agir, quando se compreende que as evidências que assim estruturam as relações do dizer, do ver e do fazer pertencem à estrutura da dominação e da sujeição. Começa quando se compreende que olhar é também uma ação que confirma ou transforma essa distribuição das posições. O espectador também age, tal como o aluno ou o intelectual. Ele observa, seleciona, compara, interpreta. Relaciona o que vê com muitas outras coisas que viu em outras cenas, em outros tipos de lugares. Compõe seu próprio poema com os elementos do poema que tem diante de si. Participa da performance refazendo-a à sua maneira, furtando-se, por exemplo, à energia vital que esta supostamente deve transmitir para transformá-la em pura imagem e associar essa pura imagem a uma história que leu ou sonhou, viveu ou inventou. Assim, são ao mesmo tempo espectadores distantes e intérpretes ativos do espetáculo que lhes é proposto.” (2012, p.17).

Ainda nesta linha, questionamos os integrantes sobre duas de suas apresentações que foram realizadas em espaços distintos, uma delas em um Shopping, outra na rua. O nosso questionamento foi em torno do efeito causado no público nos distintos ambientes.

LIDIANE: No shopping foi a primeira apresentação, então tinha a questão que era a estreia, e também por ser um espaço, que para a gente não seria assim, um lugar adequado para aquele tipo de apresentação. [...] Eu sinto muita diferença de rua para shopping, mas não só rua, a minha questão é shopping mesmo, é um lugar muito diferente, as pessoas que vão ali, são pessoas diferentes também, muitas não estão acostumadas com esse tipo de intervenção, até porque se a gente for analisar o que teve de apresentação naquele dia, a nossa apresentação foi a única nesse estilo, o restante foi mais voltado ao entretenimento mesmo. [...] A energia que eu recebi do público, para mim, foi uma outra energia que eu recebi quando estava na rua como em outra apresentação. A energia foi diferente, mas não impediu que a gente realizasse o nosso trabalho, que nós ficássemos satisfeitos, eu fiquei muito feliz com o resultado, mas eu não vejo esse espetáculo para um lugar como um shopping, eu acho que dá sim para apresentar em um espaço fechado, mas em um estilo bem diferente de um shopping, uma galeria...enfim.

JOÃO GABRIEL: Essa pergunta casa com um pouco do que eu experimento enquanto artista, que é o espaço lugar. [...]. Eu tive três experiências com esse espetáculo, uma foi no Nações Shopping, outra foi na praça e outra foi em uma caixa preta que foi no SESC. [...] O shopping em tese, é um espaço de lazer, entretenimento. Então, as pessoas queriam estar ali para talvez, ver uma dança que alegrasse o dia delas e não que fizessem elas pensassem. Muitas pessoas com certeza não gostaram. [LIDIANE: A gente percebe, a gente sente tudo isso no palco os olhos revirados, todas as energias que eles carregam a gente sente ali em cima.] A minha pesquisa é mais na performance, então, estar na rua para mim, foi muito significativo no processo de levar esse espetáculo para um espaço que não é habitual, eu gosto muito disso, de tirar do espaço de conforto. Então, causar esse estranhamento na população que estava no shopping foi muito legal para mim e desenvolver um processo de entender que não é só o belo, não é só aquilo que vai agradar aos meus olhos, não é só aquilo que vai me fazer sorrir, não é só aquilo que vai me fazer chorar, mas também fazer pensar, é um processo muito significativo no fazer artístico. [...]. Na frente da igreja, na praça, para nós foi muito significativo pois temos dez anos de caminhada, mas a gente gosta de saber, de ouvir o que os outros artistas pensam a respeito do nosso trabalho, e naquele momento tinha muitos artistas no Festival Revirado, que para mim, inclusive, eu fiquei com mais apreensão, eu me cobrava muito naquele processo.²⁵

Analisando a linha do espectador, podemos considerar que o espectador que o Coletivo teve no Shopping possuía o olhar de estranhamento, ignorava totalmente o processo de produção e se ligava na aparência. O público sentia algo estranho com o espetáculo e era como se acontecesse algo instigante, chamando atenção para o que era desenvolvido na cena.

Em lado oposto encontra-se a apresentação que o Coletivo realizou durante o Festival Revirado. Nesse evento, encontramos outro tipo de comportamento por parte do espectador, eles observam de uma forma diferente, deixando-se influenciar e se desconstruir pela arte, passam a ter uma outra visão na apreciação da referida intervenção.

Este espectador observa os fenômenos procurando as causas que levaram o grupo a seguir por determinado caminho. Sendo assim, conseguia através delas trocar verdadeiras energias vitais do teatro, também pelo motivo de parte dos seus espectadores serem artistas, cumprindo com as duas atividades do fazer teatral. Atividade de fazer e atividade de ver, que só existe com a condição de que ambas se deem simultaneamente.

²⁵ Entrevista com a artista Lidiane Frello, e o artista João Gabriel via Google meet, em junho de 2020.

Imagem 6. De r Lei. Coletivo SOU. Nações Shopping. 2019.



Fonte 6. Disponível em < <https://www.instagram.com/p/Bx8yzELnb7G/?igshid=f57b07n5x94t> >

Imagem 7. De r Lei. Coletivo SOU. Festival Nacional de Teatro Revirado. 2019.



Fonte 7. Disponível em < <https://www.instagram.com/p/B2r275VHrDM/?igshid=16wfx2kr92bku> >

4. NOSSAS AÇÕES ARTÍSTICAS E A CONFLUÊNCIA AO ARTIVISMO

Nas próximas páginas, discorreremos sobre três ações artísticas, idealizadas e realizadas durante nossa trajetória como acadêmicas do curso. Todas, ao nosso ver, permeiam a questão do ativismo e suas implicações. Proci(Ação) foi a pioneira de nossas apresentações, a qual temos uma grande afeição, também por ser a performance em que estavam quase todos componentes da turma, em especial, nosso amigo Gabriel Batista ou Caco Gabrezinni, como gostava de ser chamado.²⁶

4.1 PROCI(AÇÃO)

No dia 29 de junho de 2018, nós, acadêmicas da primeira turma do curso de Teatro (Bacharelado) realizamos a performance Proci (Ação). Como a intervenção artística seria itinerante, idealizamos um trajeto com quatro pontos fixos para a nossa ação, sendo eles: Doce pão, Toque de arte, Biblioteca Professor Eurico Back e Bloco Z.

Proci(Ação) teve como principais estímulos o filme PINA, dirigido por Win Wenders (2012), e os estudos da biomecânica do encenador russo Vsevolod Meyerhold, como o exercício de afinação corporal, chamado *Dáctilo*²⁷ estudado na disciplina de Consciência Corporal II. A *performance art* foi uma criação coletiva e orientada pelo professor Luiz Gustavo Bieberbach Engroff.

Há também inspiração nas reflexões do sociólogo David Riesman contidas em seu livro *A Multidão Solitária*, que revela um novo tipo de comportamento do ser social: o indivíduo alterdirigido. Como referência, optamos por roupas sociais, também como crítica a esse padrão.

²⁶ Na madrugada do dia 31 de outubro de 2018, Gabriel foi assassinado com um golpe certeiro em seu coração e até hoje não obtivemos respostas em relação ao caso. Acreditamos que ele tenha sido vítima de um crime de ódio, por conta da sua orientação sexual e sua cor da pele.

²⁷ Afinação Corporal: o Dáctilo. O primeiro movimento realizado antes de quase todos os estudos era denominado "dáctilo" (*Dactyl*), um exercício símbolo, que significava o momento preciso do início do estudo e, para alguns, o término. Existem dois tipos de dáctilos, um completo e outro simples. Dáctilo completo: 1. Em pé, parado, com todos os músculos relaxados. 2. O ator, subitamente, abaixa o tronco e levanta os braços em um movimento para trás. Com o impulso do movimento anterior, em um movimento curto e ascendente levanta os braços para frente, seu corpo acompanha os braços. 3. Descendo, ele dobra os joelhos, e desce os braços, batendo palmas duas vezes, em um movimento rápido e descendente e bate duas palmas na sequência. 4. Joga os braços para trás, ao se separarem depois da última palma. 5. O ator retoma a posição inicial, porém o estado não é de relaxamento, mas de prontidão física: é um corpo atento, pronto para começar o estudo.

Carbonari, Marília. "A biomecânica de Meyerhold como recurso artístico-pedagógico de treinamento e criação corporal do ator." (2013).

Partimos da sala 10 no bloco Z, um a um, já em estado performático, caminhamos até o primeiro ponto estipulado, perto da Doce pão. Um por vez, posicionando-se em lugares distintos, a escolha foi livre.

Um dos acadêmicos, Reveraldo carregava um bumbo e conduzia nossos passos, a cada batida, íamos nos aproximando da roda central, onde ele se localizava. A cada batida um movimento se iniciava, no caso, “não vejo, não escuto, não falo”, muito por nossas vozes, nossas dores não serem ouvidas, vistas e silenciadas. Ao compor o círculo, somente com a visão periférica, damos início ao segundo movimento, o *Dáctilo*, a ideia era não conter números combinados da repetição e sim até onde decidirmos coletivamente. Por uma ordem de tamanho, os performers saíam um por vez, com os mesmos três gestos já citados, dessa vez cada integrante soltava sua frase. Foi proposto para que cada performer criassem uma frase para ser dita. Essa frase partiria da dor de cada um de nós, do que nos incomodavam e das inquietações trancadas dentro de nós.

Prosseguimos pelas escadarias da CENTAC, chegando em nosso segundo ponto, o espaço Toque de arte. Lá repetimos as mesmas ações. Contornamos o museu da UNESCO, passando pela sala Edi Balod seguindo até nosso terceiro ponto, a Biblioteca Central Professor Eurico Back. Transitamos pelo Museu da criança, caminhando pela galeria dos pensadores até nosso último ponto estipulado. Mais uma vez as ações se repetiram. Era nítido o cansaço em nossos olhares, e na nossa expressão corporal. Em meio a chuva, finalizamos a nossa procissão, caminhando em fileira novamente até a sala 10. Símbolo de luta, eram gesticulados em nossos punhos.

Imagem 8 Proci(ação). Turma de teatro-UNESC. *Performance*, 2018/1



Fonte 8 Acervo das pesquisadoras.

Imagem 9 Proci(ação). Turma de teatro-UNESC. *Performance*, 2018/1



Fonte 9 Disponível em: http://www.unesc.net/portal/resources/galleries/19011/img_0905.jpg

Imagem 10 Proci(ação). Turma de teatro-UNESC. *Performance*, 2018/1



Fonte 10 Disponível em: http://www.unesc.net/portal/resources/galleries/19011/img_0961.jpg

4.2 A BUSCA

Continuando a relatar a nossa trajetória como acadêmicas-artivistas, passamos para as ações que realizamos em defesa de nosso colega Gabriel Batista, acadêmico do curso, nosso amigo e um grande artista. Foi brutalmente assassinado em Cascavel – PR sua cidade natal, na madrugada do dia 31 de outubro de 2018.

Quase um mês depois de sua morte, mais precisamente no dia 29 de novembro de 2018. Nós, enquanto turma, juntamente com alguns acadêmicos de artes visuais que faziam a matéria de Teatro de animação I como optativa, realizamos uma ação performática, desenvolvida a partir dos estímulos aprendidos através da revista *MóinMóin*²⁸ com máscaras cedidas pela professora Sassá Moretti²⁹ e orientada pelo professor Luiz Gustavo Bieberbach Engroff. Nossa intenção era chamar novamente a atenção para o caso. Com estímulos da máscara neutra, nossa ação continha três atos.

Já com as máscaras devidamente postas, descemos as escadarias e nos espalhamos pelos arredores da Doce pão e do palco das Quintas Culturais com o incentivo de curiosidade, de busca por algo, no caso, busca por respostas ao caso de Gabriel. O coro, formado por quatro integrantes, vendadas caminhavam em direção ao palco das Quintas Culturais. A partir de um comando de voz, mais precisamente um trecho de uma música³⁰, cuja fazia lembrança ao Gabriel, íamos ao encontro um do outro, apoiávamos ao outro como forma de acalento, expressando em nossos corpos o sentimento de perda. Ao som do instrumento prato, saímos dispersados e voltávamos a situação de busca. A ação repetiu-se três vezes. Finalizamos com o coro “Gabriel, presente”.

²⁸ Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas. Programa de Pós-Graduação em Teatro (PPGT/UDESC) e-ISSN 25950347.

²⁹ Maria de Fátima de Souza Moretti, Professora Doutora em Literatura pela UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina.

³⁰ Música: Zero, artista: Liniker e os Caramelows. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M4s3yTJCcmI>

Imagem 11 A busca. Turma de teatro-UNESC. *Performance*, 2018/2



Fonte 11 Acervo das pesquisadoras.

4.3 O PAPEL DE CADA UM

Dando continuidade as nossas ações desenvolvidas durante o curso, O papel de cada um, nos proporcionou uma pequena experimentação de uma mini-turnê, com cinco apresentações em ocasiões distintas, repercutindo até mesmo em matérias veiculados em sites de jornais catarinenses.

A intervenção, abordou o tema sobre a inclusão social, apontando diferentes perfis de pessoas que sofrem preconceito ou algum tipo de discriminação e que são colocadas a margem da sociedade. A referida ação surgiu com o processo de compreensão da manipulação de bonecos, durante a disciplina de Teatro de Animação II, na 4º fase do curso, partindo de experimentações com o papel pardo.

Construímos formas animadas, dando-os vida e criando a subjetividade de cada um, como um novo indivíduo na sociedade com suas características e histórias, partimos do significado mais simplista da matéria prima trabalhada, o papel.

Qual o papel de cada um na sociedade? E quem são esses papéis ou a quem são destinados? Criamos a chamada de divulgação da ação, partindo desses questionamentos: “Qual o seu papel? Sem ranhuras, sem deformidades, sem rascunhos. Isso importa? Seus amassados carregam histórias numa sociedade seletiva e doentia. Embora renegados, esquecidos e desaparecidos: re-existimos!”³¹

Quem são esses papéis aos quais são condenados a serem postos fora da sociedade? Seriam eles, o Caic, indígena que sempre foi marginalizado e oprimido, inclusive, na época da criação da intervenção, estava acontecendo ações vindas do atual (des)governo brasileiro, ações de queimadas as reservas indígenas.

As pessoas da comunidade LGBTQIA+³², mais específico, a Sofia, mulher trans, que sempre foi vista como Jonas pela sociedade, porém não se identificava com o gênero posto a ela. Quando cresceu, Sofia quis entrar no mercado de trabalho, mas sempre foi julgada, deixada de lado e ridicularizada. Essa é apenas uma das situações que acontecem diariamente com pessoas LGBTQIA+.

Tratando de inclusão escolar, Lu, diagnosticada com transtorno mental, nunca encontrou uma escola que a aceitasse apenas com suas facilidades com as artes, que não a taxasse como incapacitada de realizar outras tarefas. Crianças com dificuldades na aprendizagem, e/ou com transtornos mentais, são rotuladas e induzidas a acreditarem na sua “desqualificação”, assim permanecendo encapsuladas.

Até onde sonhos são delimitados para pessoas de pele preta? Para Antônio, entrar em uma universidade nunca foi uma opção, conseguiu estudar somente o básico, pois precisou trabalhar para ajudar no sustento da família. As oportunidades não são as mesmas como para pessoas de pele branca, há privilégios escondidos atrás de méritos.

Para o preto, a realidade os impossibilita de sonhar.

³¹ Disponível em: <https://www.4oito.com.br/noticia/performance-do-curso-de-teatro-da-unesc-chama-atencao-para-a-inclusao-social-16082>

³² Sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queer, Intersexual, Assexuados, Aliados e inclusão de outras orientações sexuais, identidade e expressão de gênero.

Para as mães solas que já não bastam sofrer pelo machismo e sexismo, ainda são estereotipadas como incapazes de estruturar financeiramente uma família. Como é o caso da Mari, que criou suas cinco filhas sem ajuda de ninguém, muitas vezes se deparava com policiais em sua porta alegando sua incompetência de criar suas filhas sozinhas. Mari é mais uma de tantas mães solas que sofrem discriminação, que são julgadas e atordoadas por homens e pela sociedade.

E Bruna, portadora de Síndrome de Down, sempre que tenta uma vaga de emprego ou até mesmo socializar, é menosprezada, intitulada como diferente e incapaz de realizar qualquer atividade. Pessoas como a Bruna, tendem a desenvolver depressão e menos autoestima por conta da baixa expectativa criada pela sociedade em relação a elas.

Quantas mulheres como Camila, deixam de se vestirem como gostam, ou se sentem culpadas por sofrer abusos? Quantas crianças, jovens, adultas e idosas precisam ser violentadas para serem escutadas, compreendidas? Quantas Camilas são condenadas, humilhadas, envergonhadas e culpadas mesmo sendo a vítima?

Já com o Alfredinho, as coisas sempre são muito fáceis, nunca foi marginalizado e nem mesmo vai saber o que é sofrer discriminações por sua classe social e expressão de gênero. Sempre teve os melhores ensinamentos escolares, e nem precisou optar pelo trabalho ao invés do estudo. Alfredinho nunca sentirá o peso que a sociedade coloca em uma mãe e nem será julgado incapaz, sempre poderá ter a liberdade de ir e vir, sem medo de ser abusado, violentado e por fim culpado. Alfredinho é o papel lisinho, aceito em todo e qualquer padrão social, com certeza, Alfredinho nunca vai saber o que é o “bota fora da sociedade”.

Fomos convidados para apresentarmos em cinco lugares distintos. A primeira apresentação ocorreu no auditório Edson Rodrigues na UNESC. Que foi idealizada pela turma e instruída pelo professor Luiz Gustavo Bieberbach Engroff para o III Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos fornecido pela UNESC, em 22 maio de 2019. A intervenção, passou pelo palco das Quintas Culturais, na noite do dia 03 de julho de 2019, sendo a segunda apresentação da intervenção. Neste dia, como era final de semestre não havia muito público.

A terceira apresentação aconteceu no dia 28 de agosto no Auditório Ruy Hulse para a X jornada acadêmica de psicologia da UNESC. Foi nossa maior apresentação em termos de estrutura e público com essa intervenção. Fomos agraciados por minutos de

aplausos e comentários comoventes ao final do espetáculo, como de acadêmics³³ emocionadxs por se sentirem representados de alguma forma com nossos personagens. Nossa ação reverberou pelo campus, há relatos de acadêmics reproduzindo nossa frase “Bota fora da sociedade”.

Fomos convidados para apresentarmos em Turvo – SC para a Expo Club das Mães por meio da UNESCO e da Diretoria de Extensão, Cultura e Ações Comunitárias. Sendo a nossa quarta apresentação com a referida intervenção.

A última apresentação foi para a sala Edi Balod, no sarau de recepção de calouros dos cursos de artes visuais e teatro, que aconteceu no dia 21 de novembro de 2019, nessa última apresentação, incluímos o caso do Gabi, que ainda não havia sido solucionado. Não tínhamos noção da dimensão que essa intervenção tomaria, sua reverberação foi desde convites feitos até a comoção e a representatividade a essas pessoas referidas.

Imagem 12 Sem título. Turma de teatro-UNESC. *Processo de criação, 2019/1*



Fonte 12 Fonte desconhecida

³³ A ideia da linguagem inclusiva de gênero é exatamente isso: desconstruir a ideia de masculino como universal e desconstruir o uso sexista da língua na expressão oral e escrita que só reforça as relações assimétricas e nada equitativas de gênero.

Imagem 13 O pape de cada um. Turma de teatro-UNESC. *Intervenção artística, 2019/1*



Fonte 13 Disponível em: <http://www.engeplus.com.br/cache/noticia/0133/0133762/performance-do-curso-de-teatro-da-unesc-fala-sobre-inclusao-social-1109741.jpg>

Imagem 14 O pape de cada um. Turma de teatro-UNESC. *Intervenção artística, 2019/1*



Fonte 14 Disponível em: <http://www.engeplus.com.br/cache/noticia/0133/0133762/performance-do-curso-de-teatro-da-unesc-fala-sobre-inclusao-social-1109738.jpg>

5. MEMORIAL DESCRITIVO:

Após traçarmos uma trajetória das nossas vivências como alunas-artistas, nas próximas páginas nos determos à descrição da intervenção ativista que desenvolvemos especificamente para este trabalho de conclusão de curso.

Carregamos o fardo de sermos mulheres desde o momento da descoberta da nossa condição biológica sexual feminina, onde nos rotulam com padrões e demandam obrigações, nos colocando em caixinhas já estipuladas. A sociedade é um conjunto de regras, usos de práticas de valores, costumes que são considerados aceitos, tendo um papel estuprador para a mulher, obrigando-a a agir, comportar-se e ser de uma maneira já pré-estabelecida.

A mulher, nos dias de hoje, ainda é julgada como culpada pelo seu comportamento, por vezes é exposta por sua vestimenta, personalidade, ou pelo seu corpo. Dirigindo-se a prática contra mulheres, ela se inicia com chantagens, humilhação e desvalorização da sua capacidade.

Quando a mulher entra em um relacionamento heteronormativo, onde esta prática mostra-se mais comum, normalmente e, a princípio, tudo é encantador, fantasioso. Estes fatos omitem um mascaramento de intenções, podendo assim, fazer com que a mulher do relacionamento em questão não enxergue que está em um relacionamento abusivo. A juíza de Direito do Estado do Rio de Janeiro Adriana Ramos de Mello relata:

Em termos estatísticos, o assassinato de mulheres talvez seja o crime menos revelado nas ocorrências policiais e um dos crimes mais subnotificados. Não se registram adequadamente as circunstâncias do crime quando este ocorre no âmbito das relações afetivas entre companheiros/cônjuges (MELLO, 2015, p. 2).

Complexificando a questão, a violência contra a mulher vai além do abuso físico. O abuso psicológico é enfrentado pelas mulheres em seu cotidiano. Homens as atingem psicologicamente com objetivo de reforçar seu lugar de poder, querendo que, em muitos casos, a mulher se torne uma propriedade, ou seja, a sua propriedade. Muitos companheiros acreditam estar no direito de praticar violência contra as mulheres, colocando a culpa em frustrações advindas do cotidiano, achando que isso é justificativa para seus atos.

Optamos por desenvolver essa intervenção ativista, a partir das dores que nos latejam desde sempre, das inquietações vistas, sentidas e caladas por muito tempo e por diversas situações.

Visto isso, antes mesmo de sermos surpreendidas por essa pandemia causada pelo Covid-19 que nos atrapalhou e interrompeu, não só planos de crescimento pessoal, profissional, mas interrompeu a própria vida de milhares de pessoas pelo mundo todo, nos deixando cada vez mais cheias de incerteza e medos. Podemos considerar este trabalho um trabalho mutável, devido a diversos acontecimentos diários com todas essas questões explanadas nesta escrita, tornando-o uma pesquisa sempre em processo de modificação.

Dando seguimento na pesquisa, coletamos alguns dados referente ao feminicídio, mais especificadamente no Brasil, apesar de sermos cientes que esse mal ocorre em todo o mundo, chegando a algumas regiões nos primeiros lugares no ranking. O Brasil está entre os países com maior índice ocupando a quinta posição em um ranking de oitenta e três nações, segundo dados do Mapa da Violência 2015 (Cebela/Flacso).³⁴ O número de mulheres assassinadas por crime de gênero em 2019 aumentou 7,3% em relação a 2018, o que totaliza em 1314 casos de feminicídio no Brasil no ano passado. Os dados foram contabilizados pela plataforma Monitor da Violência do portal G1³⁵, que recebeu os números das Secretarias de Segurança Pública dos estados³⁶. Segundo o Instituto Patrícia Galvão:

Assassinadas por parceiros ou ex, por familiares, por desconhecidos; estupradas, esganadas, espancadas, mutiladas; negligenciadas, violadas por instituições públicas, invisibilizadas: mulheres morrem barbaramente todos os dias no Brasil. Mortes anunciadas continuam acontecendo, mas esses feminicídios ainda não se tornaram uma realidade intolerável para o Estado e para grande parte da sociedade que, por ação ou omissão, são cúmplices da perpetuação de agressões que culminam em mortes evitáveis de mulheres (INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO, 2017, p. 51).³⁷

Outra situação em estado alarmante, é o aumento da violência doméstica durante a pandemia de Covid-19. De acordo com o site Agência Brasil:

Feminicídio é o assassinato de uma mulher, cometido devido ao desprezo que o autor do crime sente quanto à identidade de gênero da vítima. Nos meses de março e abril, o número de feminicídios subiu de 117 para 143. Segundo o relatório, o estado em que se observa o agravamento mais crítico é o Acre, onde o aumento foi de 300%. Na região, o total de casos passou de um para quatro ao longo do bimestre. Também

³⁴ Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/pesquisa/mapa-da-violencia-2015-homicidio-de-mulheres-no-brasil-flacsoopas-omsonu-mulheresspm-2015/>

³⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/07/22/n-de-assassinatosfica-estavel-em-maio-em-meio-a-pandemia-mas-e-7percent-maior-nos-primeiros-cinco-meses-do-anono-brasil.ghtml>

³⁶ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/casos-de-feminicidio-aumentam-73-em2019-aponta-levantamento/>

³⁷ O nome do Instituto, e também da Agência, é uma homenagem à jornalista, escritora, ativista política e cultural Patrícia Rehder Galvão, a Pagu (1910-1962), que acreditava que as mulheres deveriam ter um papel mais ativo na esfera pública. Para mais informações sobre o instituto, segue o link para acesso: <https://agenciapatriciagalvao.org.br/quem-somos/>

tiveram destaque negativo o Maranhão, com variação de 6 para 16 vítimas (166,7%), e Mato Grosso, que iniciou o bimestre com seis vítimas e o encerrou com 15 (150%). Os números caíram em apenas três estados: Espírito Santo (-50%), Rio de Janeiro (-55,6%) e Minas Gerais (-22,7%).³⁸

As causas que explicam essa situação, é o contato mais frequente com os agressores nesse período de pandemia, portanto, impossibilitando que a mulher consiga dirigir-se à delegacia para pedir socorro, ou, ter acesso a canais e telefones. O abusador normalmente está sempre próximo da vítima. Consequentemente, os especialistas acreditam que a estatística embora importante, ainda está distante da realidade que as mulheres vivenciam cotidianamente quando o assunto é violência doméstica. Sem contar no enorme aumento de casos de violências contra mulheres trans.

A ideia inicial era apresentarmos ações performáticas pelo campus da UNESCO. Por tratarmos de ativismo, selecionamos quatro assuntos pertinentes aos nossos inconformismos sociais, sendo eles: violência doméstica, violência de gênero, abuso de autoridade e racismo religioso. Entretanto, sabemos que pelo menos no nosso meio social, todas as mulheres do nosso convívio, assim como acreditamos que infelizmente tenha ocorrido com uma quantidade significativa de mulheres, de alguma forma sofreram violência, seja ela psíquica, física e/ou verbal.

Um dos assuntos que nos une, enquanto mulheres, é a questão de tudo o que envolve o ser feminino, e toda essa imposição machista patriarcal, que nos revolta a ponto de querermos mostrar através da nossa arte, de nossos corpos e da nossa vivencia. O intuito do trabalho é difundir esse assunto, numa tentativa de desconstrução do indivíduo e até mesmo conscientizar as próprias vítimas sobre essa problemática, visando alcançar o máximo de pessoas.

Inicialmente, iríamos performar na praça Nereu Ramos, em Criciúma, que além de configurar-se num espaço público, é um espaço social, democrático, de luta, de voz, a rua é um espaço para a liberdade. Quando manifestações alcançam o nível revolucionário, ou seja, quando põem em risco o sistema de dominação sociopolítico, alcançam uma visibilidade e autonomia, que escapam do controle dos sistemas políticos de regulação.

³⁸ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-06/casos-defeminicidio-crescem-22-em-12-estados-durante-pandemia>.

Como foi o caso da performance “*Un Violador En Tu Camino*”³⁹, que originalmente surgiu no Chile, criada por um grupo de mulheres feministas do Coletivo *Las Tesis*, no dia 25 de novembro, o Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra a Mulher. A ação artística apontava “machos estupradores”: policiais, juízes e presidentes, como dizia na canção. Ganhou dimensão dentro da conturbação social em que se encontrava o Chile. A intervenção expandiu as dimensões do país e se transformou em um instrumento de protesto para mulheres pelo mundo todo, ao qual nos serviu de inspiração.

Diante da situação em que nos encontramos, mais uma vez, por conta do Covid19, a nossa intervenção sofreu outra adaptação: tivemos que reorganizar nossas ideias, assim como o espaço lugar que seria apresentado, evitando aglomerações. A ação não seria desse modo, mas em meio a este contexto pandêmico, voltamos à ideia inicial, de apresentar pelo campus da UNESC, mas com a perspectiva da ausência de público e a ação teve que ser filmada.

CONTRACONTROLE

A ação parte do Hall de entrada da UNESC, seguindo pela Biblioteca Professor Eurico Back, percorrendo pelo Doce Pão e concluindo no Bloco Z. A cena será composta pela corporeidade de duas mulheres machucadas, com máscaras, vestindo camisolas brancas maltrapilhas, uma delas, carrega utensílios domésticos amarrados em torno do seu corpo, simbolizando o enraizamento da crença em que mulheres são destinadas somente os trabalhos domésticos e aos cuidados do lar, e da família. Seu caminhar é lento e cansado, como se estivesse exausta pelo peso que é constituir-se mulher perante a construção na sociedade. A outra, corre ofegante, como se estivesse fugindo, procurando ajuda. O primeiro ato acontece em frente a Biblioteca, uma das mulheres cai ao chão, a outra ao deparar-se com a cena, contorna o corpo da vítima com um giz, simulando a morte, ao som de relatos reais de mulheres pedindo socorro, prestes a serem agredidas ou assassinadas pelos seus companheiros. Os referidos áudios, foram cedidos publicamente pela Polícia Militar de Santa Catarina. Assim a cena se repete em determinados pontos da universidade, sendo eles, em frente a CENTAC, permeando a Doce pão, e finalizando no Bloco Z, cobrindo uma delas.

³⁹ Mais informações sobre a performance e o Coletivo disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/chile-a-danca-feminista-atraves-fronteiras/> Também em suas mídias sociais: <https://www.facebook.com/colectivo.lastesis/> e <https://www.instagram.com/lastesis/?hl=pt-br>

6. CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve, a princípio, como objetivo denotar a eficácia do ativismo como forma de reivindicação, através da execução da nossa intervenção artística *Contracontrole*. Gostaríamos de evidenciar através da nossa arte, de nossos corpos e da nossa vivência, a difusão desse assunto, mobilizando até mesmo as próprias vítimas das agressões. Também em uma tentativa de desconstrução do sujeito enquanto sociedade, mudanças de hábitos, pensamentos, possibilitando o desenvolvimento de um novo olhar.

Confluíram para esta pesquisa os relatos de artistas ativistas descrevendo sobre o impacto social causado por suas ações artísticas. Porém, devido a situação que estamos vivenciando atualmente em consequência da pandemia causada pelo vírus Covid-19 não foi possível mostrar o resultado que aspirávamos, pois nos impossibilitou de realizar a intervenção artística para o público. Este fato acarretou até em certa resistência em dar continuidade a este trabalho. A pandemia e suas consequências ocasionaram milhares de mortes, interrompendo sonhos, vidas de muitas de pessoas em todo o mundo, nos causando medo e incertezas. A problemática da pesquisa encontrou dificuldades nos encontros presenciais entre as duas acadêmicas, uma das pesquisadoras reside em Sombrio – SC, o que inviabilizou, durante um determinado período de tempo, a vinda até a cidade de Criciúma para dar prosseguimento a ação.

Outro motivo foi essa resistência em aceitar a ausência do público, por mais que entendêssemos que era o mais prudente a fazer, evitando aglomerações, mas algo em nós não se conformava com a ideia de não mostrar para alguém, quem iríamos atingir? A quem iríamos fazer questionar? Foi com a ajuda e persistência de algumas pessoas ligadas ao curso, que aos poucos fomos cedendo a proposta. Mais tarde, surge a ideia de divulgar virtualmente nosso trabalho, o que poderíamos até entrar em outra questão, seria o meio virtual a ferramenta de comunicação, propagação e divulgação da arte, mais eficaz durante a pandemia?

Portanto, exibimos os relatos de artistas ativistas, mais precisamente, do Coletivo Sou, descrevendo suas perspectivas sobre o impacto social e/ou político causado com suas ações artísticas. Coletamos também dados sobre a performance *“Un violador En tu Camino”* que teve repercussão mundial sobre a visibilidade da causa feminista. O que já responde a nosso próprio questionamento em relação a esse trabalho, as intervenções artísticas, como forma de ativismo obtém a visibilidade necessária para tais reivindicações? Percebemos dois caminhos para responder a essa pergunta, e

ponderamos que as afirmações acerca são positivas. Há reivindicações que chegam em grande escala, a um nível mundial e outras que acontecem com pequenas mudanças, nem que seja de uma pequena parcela de espectadores. Porém, algo dentro deles irá mudar, seja na desconstrução enquanto mudanças de hábitos, pensamentos e/ou perspectivas do indivíduo na sociedade.

Sabemos que a arte tem um poder transformador, ultrapassa a simples comunicação ao transmitir ideias e sentimentos, influenciando culturalmente, criando uma interação indivíduo e sociedade. O que absorvemos desta pesquisa foi que a arte interfere no meio social a partir do momento em que alguém se sente incomodado, de certo modo, isso reverberará, fazendo-o refletir, questionar e até mesmo difundir o que viu. A arte possibilita um diálogo com quem a observa. É pela arte que o indivíduo se desconstrói e onde existe a sua função social humanizadora. Tirando-os do comodismo, mostrando como a realidade realmente é, pois a arte é a representação da realidade.

Este trabalho se manterá aberto para futuras pesquisas. Pode-se configurar esta pesquisa como um trabalho em processo, devido à complexidade do assunto abordado, também pela arte que está sempre em movimento, se reinventando, se modificando.

Além do mais, essa pesquisa nos resultou em um entendimento pessoal enquanto artistas, podendo até nos autodenominar artistas ativistas, pois, com toda bagagem adquirida nesses anos, nós sempre procuramos ações ligadas política. A arte está muito além do que muitos pensam, e, para nós, a arte necessita e tem um viés político, tanto de quem está realizando, como de quem está assistindo, portanto, sempre terá um cunho político. Precisamos compreender o que é ser político, todos nós somos políticos, ainda que não seja partidário, mas no momento em que estamos inseridos em uma sociedade e nos posicionamos, já nos tornamos seres politizados. Todo indivíduo é naturalmente um animal político.

Vale ressaltar, que esse tema não se acaba aqui, é apenas uma breve introdução da grande discussão frente ao objetivo, conceito de tudo o que implica a arte e a política, tema este, tão atual e pouco visibilizado.

7. REFERÊNCIAS

ARTIVISMO: criações estéticas para ações políticas. **Outras Palavras**, São Paulo, n. 124, jan. 2014. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/blog/artivismo-criacoesesteticas-para-acoes-politicas/>>. Acesso em: 25 mai. 2020.

BIESDORF, Rosane. WANDSCHEER, Marli. Arte, uma necessidade humana: função social e educativa. **Itinerarius Reflectionis**, Jataí, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/20333>>. Acesso em: 11 jul. 2020

BOND, Letycia. Casos de feminicídio crescem 22% em 12 estados durante pandemia. **Agência Brasil**, São Paulo, jun. 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-06/casos-defeminicidio-crescem-22-em-12-estados-durante-pandemia>>. Acesso em: 18 jul. 2020

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

INSTITUTO PATRÍCIA GLVÃO. **Dossiê Feminicídio: como e por que morrem as mulheres?** São Paulo, 2017.

MELLO, Adriana. **Feminicídio: uma realidade oculta**. Direitos humanos da AMB. Disponível em: <<http://www.corteidh.or.cr/tablas/r30909.pdf>> . Acesso em: 19 jul. 2020

MONACHESI, Juliana. A explosão do a(r)tivismo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, abr. 2006. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0604200305.htm>>. Acesso em: 04 de abr. 2020.

PISCATOR, Erwin. **Teatro Político**. Tradução de Aldo Della Nina. 9.vol. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. 286 p. il. Marius Lauritzen Bern.

RANCIÈRE, Jacques. **O Espectador Emancipado**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

RODRIGUES, Márcia. Algumas considerações sobre o teatro épico de Brecht. **SciELO Books**, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/dmxrg/pdf/rodrigues-9788579831140-03.pdf>> . Acesso em: 13 jul. 2020.

SANTOS, Leandro Henrique Basilio dos. **A arte ativista enquanto meio de comunicação radical**. 2015. 15 f. Monografia (Especialização em Gestão de Projetos Culturais) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

SOUZA, Dolores, Puga Alves de. **Os Conflitos e Interesses Políticos Presentes no Teatro Antigo: Hetaireías, Poéticas e Arqueologia**. 2015. Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História. p. 1-10.

VILAS BOAS, Alexandre Gomes. **A(r)tivismo: Arte + Política + Ativismo - Sistemas Híbridos em Ação**. 2015. 312 f. Dissertação (Mestrado em Artes visuais) – Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo.